

A década de 70 — com o proliferar dos grupos independentes — assistiu, em Portugal, ao florescer de um teatro que se encontra com a música.

Creemos que — independentemente dos pontos de chegada (com as fórmulas-feitas: ópera, revista, teatro musical) — é indispensável pensar os pontos de partida.

*Em espectáculos anteriores — incluindo os que precederam a última mudança de nome partimos do actor. Em **Ser Solidário** — tomado como o grau zero do percurso iniciado no outro pólo — partimos do intérprete, como consciência individual e reflexo do colectivo.*

*Eis a viagem que vos propomos neste terceiro espectáculo do **TEATRO DO MUNDO**.*

JOSÉ MÁRIO BRANCO

Autor, compositor e intérprete de 14 discos, entre os quais "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades" (1971) e "Margem de certa maneira" (1973) e "Pois canté" (1976), classificado entre os 10 melhores discos portugueses de sempre, e "A Mãe", 12 canções segundo Bertolt Brecht, classificado como um dos três melhores discos em 1978.

Arranjos e direcção musical de numerosos discos, entre os quais "Cantigas de Maio" de José Afonso, classificado como o melhor disco português de sempre.

Exilado em França entre 1963 e 1974, fundou a cooperativa cultural "Groupe Organon" com outros artistas e animadores culturais; fundou em 1965 o 1º grupo de Teatro Amador Português em França (Grupo de Teatro da Liga); dirige a primeira experiência de pré-animação cultural de Ville Nouvelle de Saint-Quentin-en-Yvelines; co-criador e intérprete de numerosos espectáculos deste grupo entre os quais "A Comuna de Paris", "O Racismo" e "A Jovem Poesia inglesa e americana".

Durante o seu exílio, realizou centenas de galas e de recitais de canções em França (Paris, Saint-Denis, Nanterre, Lyon Poitiers, Rennes, Toulouse, Caen, etc...) Inglaterra, Suíça, Bélgica, Holanda, Alemanha e Itália, na maioria em associações de emigrantes portugueses.

Autor, compositor e intérprete da música de numerosas peças de teatro e de filmes, em França e em Portugal ("Libérez Angela Davis", "Fuenteovejuna", "A Confederação", "Gente do Norte", "O ladrão do pão", "Liberdade, Liberdade", etc.).

De regresso a Portugal fundou o GAC (Grupo de Acção Cultural), onde ficou até 1976.

Músico e actor da Comuna em 1977-79 (Criação de "A Mãe" e "Homem morto, Homem posto" de Brecht.

Fundou o Teatro do Mundo em 1979.

Quando, em 1971, "**Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades**" começou a entrar pelas nossas casas dentro, muitos terão sentido a eminação da mudança na música portuguesa. Pressentira-a logo José Duarte que, em texto da contracapa do LP, falava já em "nova época", aludindo a um som em que o "bem cantar e o compor melhor" eram "condições a exigir à canção útil".

"**Margem de certa maneira**" — tão menos brilhante quanto mais denso — confirmou a previsão e, por entre um punhado de nomes e obras a cujo eclodir se assiste, dita o fim da hegemonia do nacional-cançonetismo. A juventude burguesa e urbana tinha, enfim, uma voz e um protesto a que podia chamar seus.

Depois foi Abril e o florir dos sonhos. As sementes germinaram e o nome e a cara do artista sumiram por detrás do projecto. Trabalhar a canção pensando a cultura, fazer do Povo a sua criação: foi obra de saber e militância em que os braços e as gargantas se esforçaram para atingir o domínio dos mecanismos da produção e da distribuição.

Até que a certeza actuante foi conduzindo à dúvida no percurso da viagem ao fundo da coerência. Terão sido os momentos de maior fragilidade, em que, como nunca, foi necessário distinguir o essencial do acessório, em busca da renovada autenticidade. Foi também o tempo de um longo e aparente silêncio, empregue a reunir força e recuperar os meios que a ingenuidade tinha esbanjado. E, porque o regresso nunca poderia soar como reedição, houve exigências que aos editores pareceram incomportáveis e das quais se veio a falar como auto-marginalização. Mas — mesmo por entre as recusas e o adiar das oportunidades — não foi tempo perdido. A prová-lo aqui está o fruto da persistente entrega, de que o público conhecerá apenas os últimos aspectos.

E foi o funcionamento no Teatro do Mundo, pelo assumir da condição de artista de Variedades — com um pé na Música outro no Teatro — que veio a ditar as possibilidades de concretização. O que era impossível em disco seria realizado em espectáculo.

É, de novo, um novo som. Mais maduro e trabalhado. Encontrado na convergência de linguagens musicais bem presentes no nosso quotidiano. Mas, por detrás das roupagens sonoras, estão o rico talento e a antiga penetração com que convivemos há uma dezena de anos. É o reavivar do refrão:

"Pois se todo o mundo é composto de mudança, troquemos-lhe as voltas qu'inda o dia é uma criança"

Trindade Santos